

MESTRADO EM PSICOLOGIA  
PSICOLOGIA DA JUSTIÇA E DA DESVIÂNCIA

# A comunidade surda LGBTQ+ em Portugal: Desafios e inclusão

Maria Inês Carvalhais Tavares

**M**

2024



Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

# **A COMUNIDADE SURDA LGBT+ EM PORTUGAL: DESAFIOS E INCLUSÃO**

**Maria Inês Carvalhais Tavares**

Outubro, 2024

Dissertação apresentada no Mestrado em Psicologia, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, orientada pela Professora Doutora **Conceição Nogueira** (FPCEUP) e coorientada pela Dra. **Ana Rocha Pinho** (FPCEUP).

## AVISOS LEGAIS

O conteúdo desta dissertação reflete as perspectivas, o trabalho e as interpretações do autor no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceptuais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, o autor declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. O autor declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

## Agradecimentos

Com profunda gratidão, expresso o meu sincero reconhecimento a todas as pessoas que tornaram possível a realização desta dissertação, marcando de forma significativa o meu percurso académico e pessoal.

À minha orientadora académica, Professora Conceição Nogueira, manifesto o meu apreço pela orientação rigorosa, pela sensibilidade na escuta e pela inspiração transmitida ao longo de todo este processo.

À minha coorientadora, Dra. Ana Pinho, agradeço imensamente pela paciência, pela enorme ajuda e pelo apoio constante. Perder-me-ia sem a sua orientação. Um grande obrigada!

Aos meus familiares e amigos, deixo o meu mais emocionado agradecimento. O vosso apoio incondicional, palavras de encorajamento e presença constante deram-me força nos momentos de desafio e tornaram esta caminhada mais leve e gratificante.

À minha fiel amiga de quatro patas, Nina, por toda a companhia, os passeios e as brincadeiras durante as pausas.

À minha mãe, ao meu namorado, ao meu irmão e ao meu pai, que estiveram sempre presentes, prontos para ajudar nos momentos de maior necessidade.

Às minhas intérpretes de Língua Gestual Portuguesa, queridas Sofia Lopes e Sofia Brizida, deixo o meu sincero agradecimento pelo apoio essencial.

Agradeço, do fundo do coração, a todas as pessoas que, de alguma forma, marcaram esta caminhada: professores, amigos e conhecidos que contribuíram para que eu chegasse até aqui.

## Resumo

A interseção entre surdez e orientação sexual e/ou identidade de gênero gera desafios específicos ainda pouco explorados em Portugal. Este estudo teve como objetivo compreender as experiências de pessoas surdas LGBTQ+ e identificar barreiras à inclusão, sobretudo na saúde, na educação e na participação social. Para tal, adotou-se uma abordagem qualitativa e entrevistaram-se dez pessoas adultas surdas utilizadoras da Língua Gestual Portuguesa. Os resultados, analisados com recurso à análise temática proposta por Braun e Clarke (2006) revelaram três eixos centrais: (1) identidade e autodescoberta interseccional, (2) discriminação, audismo e exclusão e (3) representatividade e propostas futuras. As principais conclusões desta investigação demonstram que a dupla marginalização limita o acesso a direitos, restringe a participação social e confirma a relevância da interseccionalidade como ferramenta analítica e política. Desta forma, ressalta-se a necessidade de investir em serviços de saúde adaptados, na formação de profissionais, em campanhas educativas inclusivas e na valorização da Língua Gestual Portuguesa como instrumento essencial para a equidade, a dignidade e a inclusão efetiva.

Palavras-chave: Comunidade Surda LGBTQ+, Interseccionalidade, Inclusão Social, Barreiras de Comunicação, Língua Gestual Portuguesa, Educação Inclusiva, Equidade em Saúde

## Abstract

The intersection between deafness and sexual orientation and/or gender identity generates specific challenges that remain underexplored in Portugal. This study aimed to understand the experiences of LGBTQ+ Deaf individuals and identify barriers to inclusion, particularly in healthcare, education, and social participation. To this end, a qualitative approach was adopted, and ten adult Deaf users of Portuguese Sign Language were interviewed. The results, analyzed using the thematic analysis approach proposed by Braun and Clarke (2006), revealed three central themes: (1) intersectional identity and self-discovery, (2) discrimination, audism, and exclusion, and (3) representation and future proposals. The main conclusions of this research demonstrate that dual marginalization limits access to rights, restricts social participation, and confirms the relevance of intersectionality as both an analytical and political tool. Thus, the need to invest in adapted healthcare services, professional training, inclusive

educational campaigns, and the valorization of Portuguese Sign Language as an essential instrument for equity, dignity, and effective inclusion is highlighted.

Keywords: LGBT+ Deaf Community, Intersectionality, Social Inclusion, Communication Barriers, Portuguese Sign Language, Inclusive Education, Health Equity

### Resumé

L'intersection entre surdité et orientation sexuelle et/ou identité de genre génère des défis spécifiques encore peu explorés au Portugal. Cette étude avait pour objectif de comprendre les expériences de personnes sourdes LGBT+ et d'identifier les obstacles à l'inclusion, notamment dans les domaines de la santé, de l'éducation et de la participation sociale.   cette fin, une approche qualitative a été adoptée, et dix adultes sourds utilisateurs de la Langue des Signes Portugaise ont été interviewés. Les résultats, analysés selon l'approche d'analyse thématique proposée par Braun et Clarke (2006), ont révélé trois axes centraux : (1) identité intersectionnelle et découverte de soi, (2) discrimination, audisme et exclusion, et (3) représentativité et propositions futures. Les principales conclusions de cette recherche montrent que la double marginalisation limite l'accès aux droits, restreint la participation sociale et confirme la pertinence de l'intersectionnalité en tant qu'outil analytique et politique. Ainsi, il est nécessaire d'investir dans des services de santé adaptés, la formation des professionnels, des campagnes éducatives inclusives et la valorisation de la Langue des Signes Portugaise comme instrument essentiel pour l'équité, la dignité et l'inclusion effective.

Mots-clés : Communauté Sourde LGBT+, Intersectionnalité, Inclusion Sociale, Barrières de Communication, Langue des Signes Portugaise,  ducation Inclusive, équité en Santé

## Índice

|                                                       |    |
|-------------------------------------------------------|----|
| Introdução.....                                       | 9  |
| Comunicação:.....                                     | 10 |
| Na saúde:.....                                        | 12 |
| Audismo, outing e outras formas de discriminação..... | 13 |
| Propostas de melhoria.....                            | 14 |
| Método.....                                           | 15 |
| Objetivo:.....                                        | 15 |
| Participantes:.....                                   | 15 |
| Considerações éticas:.....                            | 17 |
| Método de recolha de dados:.....                      | 17 |
| Método de análise de dados:.....                      | 18 |
| Análise e discussão dos resultados.....               | 19 |
| Identidade e Auto-descoberta Interseccional:.....     | 20 |
| Discriminação, Audismo e Exclusão:.....               | 21 |
| Representatividade e Propostas Futuras:.....          | 25 |
| Conclusão.....                                        | 28 |
| Referências.....                                      | 30 |

## Introdução

Nos últimos anos, tem-se verificado uma crescente atenção às questões de identidade e diversidade dentro da Comunidade Surda<sup>1</sup>, especialmente quando estas se cruzam com outras dimensões, como a orientação sexual e a identidade de género.

Pessoas da Comunidade Surda que pertencem também à comunidade LGBTQ+ deparam-se com mais dificuldades comparativamente à Comunidade Surda não LGBTQ+. Nesta dupla pertença as pessoas encontram muitas barreiras no seu quotidiano por serem da Comunidade LGBTQ+ e Surdas. Por motivos genéticos/biológicos, como é o caso da surdez, nascemos Surdos ou ficamos Surdos. Aqui, a rede de apoio – a família e pessoas amigas – é essencial para pessoas surdas superarem os obstáculos que a sociedade lhes coloca, especialmente no que se refere à sexualidade enquanto dimensão que integra a vida das pessoas e da existência de diversidade referente a orientações sexuais, bem como identidades de género (Turkevicz, 2016). No entanto, frequentemente estas pessoas recebem muito pouco, ou quase nenhum, apoio, porque já é difícil aceitarem a condição de surdez, e ainda mais a pertença LGBTQ+. Assim, pessoas surdas LGBTQ+ veem-se “forçadas” a esconder a sua identidade dos seus, por receio de afastamento, maus-tratos ou exclusão da mesma. O apoio da família seria fundamental para a Comunidade Surda LGBTQ+ sentir-se protegida e segura. Tal leva também a que esta Comunidade seja das mais afetadas na área da saúde, sendo necessário criar planos de emergência para aumentar os seus conhecimentos. Relatos de pessoas surdas homossexuais entrevistadas revelaram que, frequentemente, optam por esconder a sua orientação sexual como uma forma de proteção contra a discriminação e o preconceito, uma vez que carregam uma dupla pertença discriminada ao serem surdas e homossexuais. Este contexto de vulnerabilidade leva muitos a temerem a exposição da sua orientação, receando as repercussões sociais e psicológicas (Fabrício, Daniele e José, 2015).

---

<sup>1</sup> A investigadora, enquanto pessoa surda e tendo em conta os próprios conhecimentos e vivências pessoais, reconhece a importância de refletir sobre estas questões interligadas entre surdez, orientação sexual e identidade de género. Neste processo de escrita da dissertação, a autora salienta, também, que, tendo a Língua Gestual Portuguesa (LGP) como primeira língua e o português como segunda língua, este texto pode apresentar particularidades linguísticas resultantes da sua experiência de comunicação e aprendizagem.



A literatura também demonstra que algumas pessoas surdas revelaram sentir-se mais discriminadas devido à sua orientação sexual do que pela própria surdez. É importante destacar que pessoas surdas homossexuais enfrentam elevados níveis de preconceito e discriminação, muitas vezes sentindo-se inseguras e desamparadas, já que a sociedade demonstra pouco conhecimento ou interesse em compreender a realidade da comunidade surda LGBTQ+. O facto da sociedade olhar para esta comunidade como uma minoria tem de deixar de ser uma forma de justificar a falta de investimento e a falta de acessibilidade. É necessário quebrar tabus na sociedade, para que todos e todas tenham acesso aos cuidados e aos apoios de que necessitam independentemente da sua condição, raça, situação legal e orientação sexual e/ou identidade de género (Turkevicz, 2016). É preciso dar oportunidades a todas as pessoas de viverem as suas vidas, as suas identidades.

#### Comunicação:

No domínio da comunicação, as pesquisas realizadas evidenciaram que a Comunidade Surda LGBTQ+ sofre muito com a falta de comunicação, com a discriminação por apresentarem uma dupla identidade ou uma identidade para se defenderem, não conseguem compreender os ouvintes, e, todos os dias, em qualquer lugar, sentem-se (ou fazem-nos sentir) como parte de uma minoria marginalizada: Comunidade Surda LGBTQ+. A sociedade necessita aprender Língua Gestual Portuguesa (LGP), para assim poder comunicar com a Comunidade Surda trazendo a esta conforto, segurança e bem-estar. Também a sociedade tem muito mais opções comparando com a comunidade surda, porque a comunidade surda tem limites, por exemplo a leitura labial que requer um grande esforço e a escrita, que é difícil porque a língua portuguesa não é igual à língua gestual portuguesa, que é a língua nativa da comunidade surda. Não podemos esquecer que existem pessoas surdas sem alfabetização, por isso têm muita dificuldade em escrever, o que aumenta ainda mais quando se coloca o domínio da American Sign Language (ASL) (Eckert & Rowley, 2013).

Quanto a situações de abusos, a Comunidade Surda LGBTQ+ está mais vulnerável. Um estudo realizado por Fabrício, Daniele e José (2015) aponta que crianças surdas apresentam de duas a três vezes mais probabilidade de serem vítimas de abuso, sendo que as mães participantes destacaram a surdez como um fator que facilita a violência, pois as dificuldades de comunicação podem comprometer a percepção do perigo e o pedido de ajuda em situações de risco. Os dados apontam para um esquecimento sistemático da Comunidade Surda LGBTQ+ por parte da sociedade e de como se comunicar com eles e elas. Esqueceram que a sua vida, independente da sua orientação sexual, expressão de identidade e/ou caracteres sexuais, tem o

mesmo valor que a dos/as restantes. Mas o problema é que a sociedade está mais focada na “deficiência” do que na orientação das pessoas Surdas, mostra ainda que, há um grande risco de violência para com a Comunidade Surda LGBTQ+, mas a sociedade não reconhece que é grave, não sabem que o abuso e a violência podem trazer transtornos psicológicos ou suicídio nas Pessoas Surdas e se a família, polícia ou médicos soubessem Língua Gestual Portuguesa, é provável que existam menos riscos, porque sentem que podem contar com alguém. Assim, as pessoas com deficiência estão em risco de violência sexual por dois fatores: primeiro, por serem sujeitos invisíveis socialmente; e, segundo, pela consciência do agressor de que o risco de denúncia do abuso é praticamente inexistente, pois com frequência a pessoa com deficiência estará isolada e sem apoio (familiar e escolar). No caso das pessoas surdas, a falta de domínio da Língua Gestual Portuguesa ou a barreira de comunicação com a comunidade ouvinte contribuem para situações de vulnerabilidade. Essa dificuldade de comunicação pode favorecer contextos de abuso e tornar mais complexa a compreensão e a proteção da pessoa surda, sobretudo em questões sensíveis relacionadas à sua educação e segurança (Fabrício, Daniele, José, 2015).

Há uma falta de informação sobre os meios de contacto disponíveis para pedir ajuda. Por exemplo, a GNR dispõe de um número de telemóvel específico para atender a comunidade surda, mas nem todas as pessoas surdas têm conhecimento desta opção. Segundo a Associação Portuguesa de Surdos, Portugal conta com cerca de 120.000 pessoas com algum grau de perda auditiva, incluindo idosos que perdem audição gradualmente. Deste grupo, aproximadamente 30.000 são surdos que utilizam a Língua Gestual Portuguesa como língua nativa, a maioria com perda auditiva severa ou profunda. Apesar da existência deste canal de comunicação, a GNR recebeu apenas 703 mensagens de pessoas surdas desde 2013, demonstrando uma utilização bastante limitada (DN, 2018).

Em suma, uma das causas que apontam para a existência de barreiras, seja na saúde, na educação, nos meios de comunicação social ou até na sua família, está na comunicação – na forma diferente de comunicar. Porém, é de extrema importância quebrar essas barreiras nos diferentes contextos da vida social, mas com um pouco mais de destaque para a área da saúde, onde se pode e deve derrubar essas barreiras de forma a que as informações importantes passem para esta Comunidade na sua Língua nativa. Os dados apontam para um grande risco, especialmente na saúde de Jovens Surdos comparativamente aos jovens ouvintes, por causa da falta de acessibilidade à informação e da barreira de comunicação. Há muitas pessoas surdas que dizem que se fossem ouvintes assumir-se-iam mais cedo, pois teriam acesso à informação mais cedo e destacam que se sentem muito confusas por causa da falta de

conhecimento. Seria importante que a Sociedade fosse mais unida, mais empática, mais sensível perante as minorias, que aprendesse, por exemplo, no caso da Comunidade Surda, a Língua Gestual para garantir acessibilidade nos diferentes contextos da vida social, para terem informações corretas e terem conhecimentos garantidos. Tal contribuiria para que não se sentissem marginalizados, excluídos, esquecidos da restante sociedade (van Eldik et al., 2004; Kvam et al., 2006; Kushalnagar et al., 2019).

Na saúde:

As Pessoas Surdas relatam que, na área da saúde, dependem muito de terceiros devido à barreira comunicacional associada à sua condição. Um estudo desenvolvido demonstrou que existem riscos acrescidos para a saúde decorrentes da falta de acessibilidade e de comunicação, o que contribui para o isolamento destas pessoas (Kushalnagar & Biskupiak, 2018). Além disso, pessoas surdas que não sabem ler nem escrever estão mais vulneráveis, uma vez que a compreensão do tratamento, dos seus efeitos secundários e de toda a informação necessária é fundamental para a adesão e eficácia, mas frequentemente não é adquirida devido às barreiras comunicacionais associadas à surdez. Tal foi especialmente evidente num estudo sobre profilaxia pré-exposição (PrEP) – tratamento preventivo eficaz contra o vírus da imunodeficiência humana (HIV) entre homens que têm relações sexuais com homens, pelo que concluiu que a falta de acesso à informação de saúde agrava os riscos e reforça a exclusão social e sanitária (Kushalnagar e Biskupiak, 2018). Diante dessas barreiras, as pessoas surdas tendem a procurar informação dentro da própria comunidade, recorrendo sobretudo a pares surdos e a membros da Comunidade LGBTQ+, com quem se sentem mais à vontade para esclarecer dúvidas sobre tratamentos, vacinas e questões relacionadas com o HIV. Segundo Kushalnagar e Biskupiak (2018), a interação entre pessoas surdas e redes LGBTQ+ online constitui uma via essencial para o acesso à informação fiável e para a promoção da saúde sexual.

Nos Estados Unidos, existe um projeto denominado “The Trevor Project”, que oferece apoio especializado à comunidade de jovens surdos LGBTQ+ na área da saúde mental, procurando reduzir comportamentos e estados de risco, como a depressão e as tentativas de suicídio. O serviço foi concebido com acessibilidade comunicacional, permitindo o contacto por videochamada com intérprete ou por chat, garantindo que jovens surdos possam comunicar de forma direta e segura (The trevor, 2022). De acordo com o projeto trevor, é fundamental que os/as profissionais de saúde mental se adaptem às necessidades específicas da Comunidade Surda, de modo a garantir acessibilidade, bem-estar e conforto durante o atendimento; reforça

também que é essencial escutar e questionar as pessoas surdas sobre o que necessitam, em vez de impor barreiras adicionais que as afastem dos cuidados de saúde. Projetos como este são exemplos de boas práticas internacionais e demonstram que é possível oferecer suporte adequado à saúde mental e sexual da comunidade surda LGBTQ+, desde que haja acessibilidade e comunicação efetiva.

As situações de saúde agravaram-se na pandemia, que trouxe um grande stress, ansiedade e depressão para a Comunidade LGBTQ+, incluindo a Comunidade Surda LGBTQ+ e a BIPOC<sup>2</sup>, por causa do confinamento, onde todos e todas tinham que obrigatoriamente ficar fechados nas suas casas, mas as pessoas que vivem com famílias homofóbicas, sentiram-se duplamente afetadas por este problema global, pois não tinham o apoio da sua Comunidade LGBTQ+, afetando a sua saúde mental (Levandowski et al., 2022).

Audismo<sup>3</sup>, revelação da orientação sexual/identidade de género e outras formas de discriminação:

A Comunidade Surda sofre múltiplas discriminações, afetando assim a sua saúde mental. Mas existe também discriminação vinda dos próprios Surdos. O “audismo” refere-se à marginalização sistemática das pessoas surdas através de discriminação, preconceito e exclusão (Eckert & Rowley, 2013). Por exemplo, uma pessoa surda está a conversar com outra pessoa surda e é interrompida, um deles ignora com quem está a conversar para falar com a pessoa que os interrompeu. A primeira pessoa surda sente-se magoada por ser ignorada e afasta-se daquele núcleo. Além disso, há pessoas surdas LGBTQ+ que têm experiência sobre as questões LGBTQ+ e tentam explicá-las a outras pessoas surdas heterossexuais, mas são alvo de gozo através da língua gestual. Por exemplo, o gesto “Palaneiro”, que é muito ofensivo, é usado de forma depreciativa, gerando piadas. Outro exemplo é quando um grupo de surdos exclui outro grupo de surdos por se considerar superior (Eckert & Rowley, 2013).

Relativamente à revelação da orientação sexual e identidade de género não normativas a profissionais de saúde, a comunidade surda pode ocultar esta informação por ter familiares, que acompanham as pessoas às consultas, aos quais não fizeram o coming out. Assim, a Comunidade Surda não se sente capaz de partilhar com os/as profissionais de saúde que fazem parte da Comunidade LGBTQ+. No entanto, os/as profissionais de saúde necessitam de todas as informações sobre o/a utente de forma a poder criar um plano de tratamento que responda às suas necessidades, e, para que a relação entre utente e profissional de saúde seja positiva, é

---

<sup>2</sup> pessoas negras, indígenas e de cor

<sup>3</sup> marginalização sistemática das pessoas surdas através de discriminação, preconceito e exclusão (Eckert & Rowley, 2013)

necessário que não haja barreiras de comunicação. Porém, na prática os relatos mostram que há falta de conhecimento, adaptação e acessibilidade para esta Comunidade, em parte por causa da comunicação ser de forma diferente da socialmente valorizada (Berman et al., 2017; Iezzoni, Davis, Soukup, & O'Day, 2003; McKee, Barnett, Block, & Pearson, 2011). Há outras pertencas que são reportadas na literatura como tendo um impacto na probabilidade de divulgação da orientação sexual ou identidade de gênero a profissionais de saúde, nomeadamente ser mulher negra lésbica (Durso & Meyer, 2012).

De igual forma, foram a Comunidade Surda LGBTQ+ também é mais prejudicada no seu emprego, a parte financeira é muito mais afetada comparada com as pessoas que não pertencem à Comunidade LGBTQ+ (Levandowski et al., 2022).

Propostas de melhoria:

Na literatura, propõe-se que na Educação, nas escolas, seja mostrada diversidade de forma a diminuir o preconceito e quebrar tabus, pois é neste contexto que conhecemos pela primeira vez vários conceitos, várias competências e valores para vivermos todos e todas em sociedade, para nos respeitarmos. E, o que se tem visto, é que o ensino está muito aquém das exigências da sociedade. É necessário rever os seus métodos, os seus currículos para que, por exemplo, conceitos como a não discriminação de pessoas “diferentes” dos moldes estruturados por uma sociedade antiquada, a empatia e aceitação que sim tornam a sociedade diversa, a sociedade livre, sejam interiorizados por todas as pessoas (Turkevicz, 2016).

Quanto há presença de Intérprete de Língua Gestual, estes não conseguem alterar a situação em que as pessoas Surdas se sentem, pois, há momentos em que é necessário passar informação de que uma mulher surda LGBTQ+ tem cancro, mas, a presença do Intérprete não torna a situação mais confortável, ou quando uma mulher surda lésbica vai ao ginecologista, e tem de explicar os detalhes sobre a sua vida sexual ao Intérprete para este transmitir ao médico torna a consulta constrangedora, porque sente que não tem privacidade e, por esse motivo, acaba por não aprofundar o assunto, o que pode provocar consequências na sua saúde. Nesse sentido, a educação precisa de criar um sistema novo para mostrar que as diversidades dentro da sociedade existem e que não são problema nenhum, desta forma unem-se e acabam com a discriminação e preconceito. Não há acessibilidade suficiente para todas as pessoas Surdas LGBTQ+ nos diferentes contextos. Assim, para que a inclusão social se concretize de forma efetiva, é fundamental simplificar os processos e adaptar as ferramentas do quotidiano às necessidades das Pessoas Surdas, garantindo-lhes autonomia e igualdade de oportunidades. Paralelamente, é essencial sensibilizar a sociedade para a importância da aprendizagem da

Língua Gestual Portuguesa (LGP) e promover a contratação de Intérpretes de LGP (ILGP), de modo a assegurar uma comunicação acessível e verdadeiramente inclusiva.

### Método

#### Objetivo:

De facto, poucos são os estudos que falam sobre a Comunidade Surda LGBTQ+. Os países estrangeiros já apresentam alguma literacia sobre a Comunidade Surda LGBTQ+, mas não há estudos sobre a Comunidade Surda LGBTQ+ portuguesa. Em Portugal, existem lacunas significativas quanto à formação de profissionais, disponibilização de intérpretes qualificados sobre saúde especializados em LGBTQ+ e à educação inclusiva que a comunidade surda revela. Nesse sentido, o presente estudo pretende compreender a intersecção da pertença à comunidade Surda e LGBTQ+, identificando os desafios e necessidades em Portugal em diversas áreas, incluindo acesso à saúde, educação, inclusão social e participação em espaços públicos.

#### Participantes:

A presente investigação contou com a participação de dez pessoas adultas surdas, todas utilizadoras da Língua Gestual Portuguesa (LGP), que aceitaram partilhar as suas experiências no âmbito do estudo.

No que diz respeito à caracterização dos/as participantes, o grupo era composto por pessoas com idades entre 24 e 43 anos, de ambos os géneros, com diferentes orientações sexuais e níveis de escolaridade. Todos/as utilizavam a Língua Gestual Portuguesa (LGP) como primeira língua e apresentavam experiências de vida diversas, refletindo a heterogeneidade da comunidade surda adulta em Portugal.

Entre os/as participantes, três mulheres identificavam-se como lésbicas, uma mulher como transexual e seis homens como homossexuais, evidenciando a pluralidade de identidades de género e orientações sexuais presentes no grupo.

A maioria residia em contextos urbanos, estando ligada a associações da comunidade surda e/ou grupos LGBTQ+. Os/as participantes apresentavam níveis de escolaridade variados, entre o ensino secundário e o ensino superior, bem como situações profissionais distintas, abrangendo estudantes, trabalhadores/as e pessoas desempregadas. Esta diversidade permitiu captar múltiplas perspetivas sobre as vivências, desafios e formas de pertença da comunidade surda LGBTQ+ em Portugal.

#### Instrumento:

As entrevistas realizadas constituíram a principal técnica de recolha de dados, permitindo aceder a narrativas pessoais que refletem as interseções entre surdez, identidade de género e orientação sexual. A investigação foi conduzida utilizando métodos adequados e instrumentos de recolha de dados que estavam adaptados às necessidades dos/as participantes, assegurando acessibilidade e clareza. Foi feita em condições que respeitam as características dos/as participantes, como a utilização de Língua Gestual Portuguesa para garantir uma comunicação eficaz e inclusiva.

A entrevista semiestruturada foi escolhida como principal instrumento de recolha de dados por permitir uma exploração aprofundada das vivências individuais, ao mesmo tempo em que oferece flexibilidade para seguir as dimensões emergentes do discurso dos/as participantes. Todas as entrevistas foram conduzidas em LGP, respeitando as especificidades linguísticas da comunidade surda e garantindo a fluidez comunicativa. Foram gravadas em vídeo, com autorização prévia, de modo a assegurar a fidelidade na transcrição posterior. O recurso ao vídeo foi essencial, uma vez que a LGP é uma língua visual cuja tradução imediata poderia comprometer a precisão e a riqueza dos testemunhos.

#### Considerações éticas:

O presente estudo foi submetido e aprovado pela comissão de ética da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto (Ref.<sup>a</sup> 2025-01-08b). Para assegurar o rigor científico e o respeito pelos/as participantes, houve diversas medidas éticas que orientaram todas as fases da investigação. Em primeiro lugar, foi obtido o consentimento informado de todas as pessoas participantes antes da sua inclusão no estudo. Este consentimento foi solicitado de forma clara e acessível, garantindo que cada pessoa compreendesse os objetivos da investigação, os procedimentos a realizar, os potenciais riscos e benefícios, bem como os seus direitos, nomeadamente o de desistir a qualquer momento antes do início da análise dos dados. Uma vez transcritas e anonimizadas as entrevistas, assegurou-se de que nenhum dado pudesse ser associado à identidade real das pessoas participantes. A acessibilidade foi uma preocupação central neste processo: os materiais de consentimento foram disponibilizados, assegurando a compreensão plena por parte de todos/as.

A confidencialidade e a proteção dos dados pessoais foram igualmente garantidas em todas as etapas do estudo. As informações recolhidas foram codificadas e anonimizadas, não havendo qualquer divulgação que permitisse a identificação direta dos/as participantes. Os dados ficaram armazenados em sistemas de acesso restrito, disponíveis apenas para a

investigadora, sendo eliminados após a conclusão da investigação em conformidade com o Regulamento Geral de Proteção de Dados (RGPD). Para além disso, as gravações em vídeo das entrevistas foram destruídas após a transcrição integral para texto, de modo a evitar qualquer retenção indevida de material audiovisual.

#### Método de recolha de dados:

No que diz respeito aos procedimentos de recolha de dados, optou-se por um critério de acessibilidade e disponibilidade, tendo sido incluídas pessoas com idade igual ou superior a dezoito anos, que se identificassem como pertencentes à comunidade surda LGBTQ+ e que dominassem a LGP. O recrutamento foi realizado através do contacto com organizações e associações relevantes, como a *Deaf Pride Lisbon*, a *LGBTQ\_Fpas* e a Associação de Surdos do Porto, bem como, por meio da divulgação em plataformas digitais destas entidades. O número final de participantes foi determinado de acordo com o critério de saturação teórica, momento em que as entrevistas deixaram de acrescentar novos elementos significativos à análise (Fontanella et al., 2011). Após a recolha, as entrevistas foram integralmente transcritas para o português escrito, preservando-se, tanto quanto possível, as expressões da língua gestual, como por exemplo, a tristeza e zanga. A presente investigação adotou uma abordagem qualitativa, centrada na compreensão das experiências vividas por pessoas surdas LGBTQ+ em Portugal.

Essa metodologia mostrou-se adequada para explorar as complexidades das pertenças interseccionais, permitindo captar significados subjetivos e contextuais e acedendo a uma diversidade de narrativas que evidenciam tanto as dificuldades enfrentadas quanto os modos de resistência e negociação identitária nos diferentes contextos sociais e institucionais (Souza, 2019).

Foram asseguradas condições de equidade e inclusão, garantindo a participação plena de todas as pessoas envolvidas. As entrevistas ocorreram em espaços privados, acessíveis e seguros, com possibilidade de participação presencial ou online, conforme a preferência individual. Para preservar o anonimato, os nomes foram substituídos por letras. Além disso, como a investigadora é surda e fluente em LGP, não foi necessária a presença de intérpretes, favorecendo uma comunicação direta e autêntica. Em todas as fases, buscou-se garantir que as participantes não fossem discriminadas ou expostas a situações de vulnerabilidade, assegurando que suas vozes fossem respeitadas e valorizadas.



#### Método de análise de dados:

A análise dos dados foi conduzida com base no modelo de Braun e Clarke (2006), que compreende seis fases articuladas: familiarização com os dados, produção de códigos iniciais, identificação e revisão de temas, definição e nomeação dos temas e, finalmente, elaboração do relatório interpretativo. Por outras palavras, inicialmente, procedeu-se à leitura repetida das entrevistas, com o objetivo de promover a familiarização com os dados e de registar impressões que ocorrem e ideias que surgem. Em seguida, foram criados códigos iniciais a partir dos segmentos considerados relevantes para os objetivos da investigação, respeitando uma lógica indutiva orientada pelos próprios dados. Esses códigos foram, posteriormente, agrupados em categorias mais amplas, dando origem à identificação de temas recorrentes. Os temas foram então revistos, analisando a sua clareza e pertinência no conjunto das entrevistas. Após essa revisão, cada tema foi definido de forma clara e nomeado de maneira representativa, incluindo a articulação dos respetivos subtemas e significados centrais. Por fim, procedeu-se à redação da análise interpretativa, em articulação com as narrativas das pessoas participantes e com a literatura científica existente.

O processo seguiu uma abordagem indutiva, sem categorias prévias, permitindo que os temas emergissem diretamente das narrativas. Os códigos foram organizados em subtemas e posteriormente em temas centrais, que constituíram a base da análise interpretativa. Esta abordagem, amplamente reconhecida pela sua flexibilidade epistemológica e validade metodológica, mostrou-se eficaz na identificação e interpretação de padrões recorrentes nos dados recolhidos por meio de entrevistas. A análise temática permitiu sistematizar e compreender os significados partilhados pelos/as participantes, revelando tanto elementos explícitos quanto implícitos nos seus discursos. De acordo com as autoras, trata-se de um método que visa identificar, analisar e relatar padrões ou temas emergentes nos dados qualitativos, organizando a informação em níveis de códigos, subtemas e temas centrais (Braun e Clarke, 2006).

A escolha deste modelo justifica-se pelo seu rigor conceptual e clareza operacional, sendo amplamente utilizado em estudos sobre identidade, género, diversidade, saúde e educação. A sua aplicação revelou-se particularmente adequada para compreender a complexidade das vivências das pessoas surdas LGBTQ+, respeitando suas especificidades linguísticas, culturais e sociais (Souza, 2019).

De salientar, que o posicionamento da investigadora é relevante sendo surda e utilizadora da LGP, houve uma proximidade identitária que favoreceu a confiança das participantes e a comunicação direta, permitindo compreender com profundidade os significados

explícitos e implícitos nos discursos. Entretanto, este posicionamento exigiu prática reflexiva constante, utilizando notas de campo e sucessivas revisões analíticas para distinguir cuidadosamente as vozes das participantes da interpretação da investigadora.

### Análise e discussão dos resultados

A análise dos dados resultou na identificação de três temas centrais, a partir dos quais se desenha uma compreensão mais aprofundada das experiências das pessoas participantes. Esses temas foram: a identidade e autodescoberta; a discriminação, audismo e a exclusão; e a representatividade e propostas futuras. Dentro deles identificaram-se subtemas e códigos, tal como se pode consultar no mapa temático apresentado a seguir:

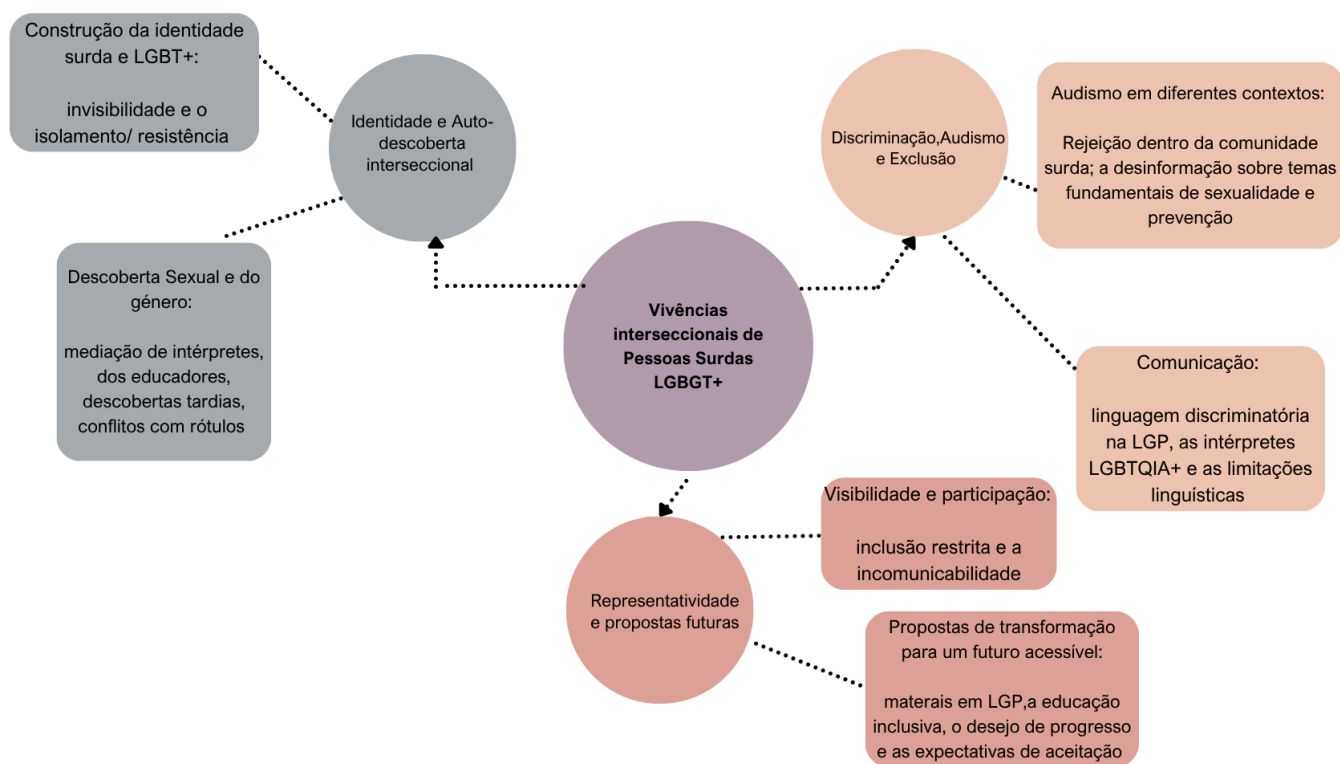


Figura 1. Mapa temático da análise

### Identidade e Auto-descoberta Interseccional:

O primeiro tema incidiu sobre a construção da identidade e o processo de auto-descoberta, destacando como as barreiras linguísticas e comunicacionais transformam o percurso identitário numa trajetória tardia, complexa e marcada pela invisibilidade.

Dentro deste, identificou-se o subtema “a construção da identidade enquanto pessoa surda e LGBT+”. Este tópico mostrou-se particularmente desafiador, sendo a identidade frequentemente mal compreendida, quer pela comunidade surda, quer pela comunidade LGBT+. As narrativas revelam trajetórias marcadas por descobertas tardias, conflitos com rótulos impostos e uma sensação generalizada de invisibilidade. A surdez, nesse processo, funciona simultaneamente como um fator de isolamento e de resistência. Participantes referiram que, se fossem ouvintes, talvez tivessem acedido mais cedo à informação sobre sexualidade ou identidade de género, realçando as desigualdades no acesso à descoberta pessoal e à autoaceitação.

Há diferenças na descoberta entre pessoas surdas e ouvintes que as narrativas também destacam no processo de descoberta identitária. A ausência de acesso precoce à informação, muitas vezes associada a barreiras linguísticas e comunicacionais, constitui um obstáculo real ao desenvolvimento de uma identidade afirmativa. Um participante sintetizou essa desigualdade ao afirmar: “*Se fosse ouvinte, teria descoberto mais cedo.*” (N), dando a entender que o acesso ao conhecimento sobre temas como identidade de género e orientação sexual se relaciona com a acessibilidade à informação, central na formação identitária.

O subtema “a descoberta sexual e de género” mostra que há histórias partilhadas pelos/as participante/s, frequentemente marcadas pela falta de informação acessível, mas que os processos de descoberta da sexualidade ou identidade de género ocorrem em contextos diversos. Em alguns casos, o papel de intermediários como intérpretes ou educadores revelou-se determinante. Uma participante relatou: “*Aos 16, a minha intérprete sugeriu que eu era transexual. Pesquisei e tudo fez sentido.*” (I). Este dado demonstra que, na falta de estruturas de apoio e informação acessíveis, o autoconhecimento pode depender da sensibilidade e iniciativa individual de um mediador, o que torna o processo vulnerável e não universal.

Outros participantes referiram processos de descoberta mais tardios, e obstáculos à informação básica, inerente à barreira comunicacional, como ilustra o seguinte testemunho: “*Descobri-me tarde. Fingi ser hetero até aos 25 anos.*” (H). Este adiamento parece estar profundamente ligado à escassez de referências culturais e educativas acessíveis à população surda, nomeadamente no que diz respeito a questões de identidade LGBT+.

A imposição de rótulos fixos nem sempre corresponde às experiências vividas, sobretudo quando estas atravessam múltiplas margens sociais. Um participante expressou essa tensão ao afirmar: *“Sou homossexual e bissexual... não gosto de rótulos.”* (L). Esta afirmação aponta para a necessidade de reconhecer a diversidade interna das vivências LGBTQ+.

#### Discriminação, Audismo e Exclusão:

O segundo tema aborda o cruzamento de opressões vivenciadas pelas pessoas surdas LGBTQ+, que se traduzem em discriminação, audismo e exclusão.

No que diz respeito ao audismo que tem múltiplas formas de discriminação experienciadas pelas pessoas surdas LGBTQ+, tanto em espaços normativos da sociedade ouvinte quanto dentro das próprias comunidades surda e LGBTQ+. Este cruzamento de opressões evidencia como a vivência interseccional pode gerar exclusões múltiplas e sentimentos de inadequação, mesmo em contextos que, em teoria, deveriam ser acolhedores e inclusivos. Assim, o subtema “o audismo em diferentes contextos”, salienta a discriminação baseada na audição e no privilégio da norma ouvinte, que surge como uma constante nas narrativas, especialmente nos domínios da educação, saúde e vida social. Embora o audismo seja geralmente associado à exclusão por parte da sociedade ouvinte, algumas experiências relatadas demonstram como essa lógica pode ser reproduzida na comunidade surda. Uma participante referiu sentir-se deslocada ao tentar comunicar-se com outras pessoas surdas, compartilhando: *“Sinto-me idiota por tentar falar com pessoas surdas porque me interrompem do nada.”* (I). Esta frase revela não só o impacto emocional do audismo, mas também a fragilidade dos laços comunitários quando as diferenças identitárias (como gênero ou orientação sexual) não são reconhecidas ou valorizadas. A rejeição dentro da comunidade surda existe, já que muitos/as participantes relataram ter sido rejeitados/as ou silenciados/as pela própria comunidade, sobretudo ao tentarem abordar temas relacionados com diversidade sexual e de gênero. Esta rejeição muitas vezes manifesta-se como resistência à mudança cultural e à abertura para formas não normativas de ser e estar no mundo. Um dos participantes desabafou: *“Tento ensinar aos surdos mas não me aceitam... por isso recuei.”* (I). Esta afirmação expressa uma frustração profunda e evidencia a pressão para se adaptar ou ocultar a identidade em nome da aceitação, mesmo dentro de uma comunidade que partilha experiências de exclusão sendo portanto um dos contextos do audismo. Deste modo, foram mencionadas experiências de rejeição em espaços supostamente inclusivos, por exemplo, nas associações de surdos, nos convívios entre surdos, nas áreas de saúde, entre outros, como a própria comunidade surda, onde a aceitação da diversidade sexual ou de gênero continua a ser, em muitos casos, limitada.

A ausência de espaços efetivamente inclusivos dentro das estruturas surdas reforça a marginalização e diz respeito a saúde e bem-estar, pois a falta de informação clara, culturalmente e linguisticamente acessível, coloca em risco a saúde das pessoas surdas LGBT+.

A desinformação sobre temas fundamentais de sexualidade e prevenção também é um dos aspectos mais preocupantes, nomeadamente, é a ausência de conhecimento adequado sobre temas fundamentais como a prevenção de infeções sexualmente transmissíveis (ISTs) e o uso de ferramentas preventivas, como a PrEP (Profilaxia Pré-Exposição). Muitos/as participantes relataram que dentro da comunidade surda há uma desinformação grande, com interpretações equivocadas sobre o que são esses métodos, prejudicando a sua eficácia na prevenção. Um dos entrevistados exemplificou: “As pessoas não sabem o que é PrEP. Achem que é para quem já tem HIV.” (H). Essa confusão revela a necessidade urgente de campanhas educativas específicas, que considerem as barreiras linguísticas e culturais da comunidade surda, para promover uma compreensão correta e desmistificar preconceitos associados.

A vergonha e desinformação nas comunidades é reforçada dentro da própria comunidade surda, dificultando a troca aberta de informações sobre saúde sexual. Este sentimento contribui para o silêncio em torno do tema, perpetuando a falta de acesso ao conhecimento essencial. Conforme destacado por outra participante: “Os surdos não sabiam sobre saúde sexual porque têm vergonha.” (L). Este silêncio também afeta a busca por ajuda e orientação, ampliando o isolamento social e dificultando a construção de redes de apoio dentro e fora da comunidade. No caso desta investigação, a ausência de conhecimento sobre a PrEP e a persistência de desinformação entre participantes confirmam essa tendência, corroborando estudos como o de Agbenyeavu e colaboradores (2025), que mostram que mulheres surdas em Gana enfrentam desafios semelhantes no acesso à saúde sexual, como uma participante que revela que não sabe todos os comprimidos que toma por causa da falta do conhecimento.

Outro fator crítico é a desconfiança em relação aos profissionais de saúde, especialmente aqueles/as que não compreendem a cultura surda ou a especificidade da experiência LGBT+. A ausência de psicólogos/as e profissionais surdos/as ou especializados dentro do sistema nacional de saúde contribui para que muitos sintam insegurança ao buscar ajuda, reforçando a sensação de exclusão. Um participante comentou: “Há psicólogos surdos em Espanha, mas não confio nos de cá e é uma comunidade pequena.” (M). Essa limitação evidencia a necessidade de capacitação de profissionais e da inclusão de especialistas surdos para promover um atendimento mais sensível, eficaz e acolhedor, que possa responder às necessidades específicas dessa população.

O subtema “comunicação” emerge como barreira estrutural com impactos significativos na vida das pessoas surdas LGBTQ+. As pessoas surdas LGBTQ+ enfrentam rejeições, não só por parte da sociedade ouvinte que frequentemente as desvaloriza ou marginaliza por via do audismo, mas também dentro das próprias comunidades surdas e LGBTQ+. Estas exclusões manifestam-se inclusivamente no uso discriminatório em Língua Gestual Portuguesa, os quais reproduzem estigmas de género e sexualidade. A comunicação com recurso ao uso de linguagem discriminatória dentro da própria LGP, demonstra que o preconceito não está apenas nos discursos falados, mas também nas expressões visuais e gestuais. Alguns participantes denunciaram a existência de gestos insultuosos, usados para se referirem a pessoas LGBTQ+. Um exemplo claro é referido por um participante que comentou: “*O gesto de ‘paneleiro’ afasta as pessoas LGBTQ+.*” (H). O uso deste tipo de gestos não apenas reforça estigmas, como também legitima formas de exclusão simbólica que se repercutem em múltiplos espaços sociais. A comunidade surda corre o risco de reproduzir a homofobia e a transfobia internalizadas, mesmo sem uma intenção explícita, por causa da Língua Gestual Portuguesa.

A ausência de intérpretes com formação em temáticas LGBTQ+ foi apontada como um obstáculo ao acesso à saúde, à educação e à participação social. As entrevistas revelaram dificuldades em compreender o vocabulário técnico utilizado por profissionais de saúde, mesmo quando estes procuravam adaptar a linguagem. Para além disso, as limitações no domínio do português escrito agravavam a sensação de insegurança e dependência, nomeadamente no que toca à compreensão de prescrições médicas ou de informações preventivas. O estudo de Fuentes-López e Fuente (2020), realizado no Chile, demonstrou que pessoas surdas recorrem menos ao sistema de saúde do que a população geral, mesmo quando fatores socioeconómicos são controlados, sugerindo que desigualdades linguísticas e culturais têm peso próprio na exclusão. De modo semelhante, Fuentes e colegas (2019; 2020), destacam como a falta de informação clara e adaptada limita a prevenção de infeções sexualmente transmissíveis (IST).

Muitos/as intérpretes, apesar de fluentes na Língua Gestual Portuguesa (LGP), não têm conhecimento aprofundado sobre vocabulários e conceitos relacionados à diversidade sexual e de género. Isso dificulta a comunicação precisa e empática, criando uma lacuna no entendimento. Como uma das participantes afirmou “Gostava que os intérpretes soubessem sobre LGBTQ+ e não apenas a LGP comum.” (I) Essa declaração evidencia a necessidade de uma formação mais especializada para intérpretes, que lhes permita não só traduzir a LGP, mas também contextualizar e transmitir a complexidade dos temas LGBTQ+, garantindo um atendimento mais inclusivo e respeitoso.

Há muitas barreiras linguísticas em consultas de saúde, além disso, as entrevistas revelaram que a comunicação com profissionais da saúde é frequentemente dificultada pelo uso de um vocabulário técnico e complexo, mesmo quando os/as médicos tentam adaptar a linguagem. A falta de simplificação gera confusão e ansiedade entre as pessoas surdas LGBTQ+, comprometendo a compreensão das informações essenciais sobre seu próprio corpo e tratamentos. Como exemplificado por outra entrevistada, “Os médicos usam palavras difíceis. Mesmo pedindo para simplificar, continua complicado.” (N). Esse desafio linguístico não só restringe o acesso à informação de saúde, mas também prejudica a autonomia do paciente, que pode sentir-se inseguro e dependente para tomar decisões importantes. Vilão (2014) identificou que pessoas surdas frequentemente enfrentam dificuldades na interação com profissionais de saúde, principalmente devido à ausência de intérpretes de Língua Gestual Portuguesa ou à presença de barreiras linguísticas. No contexto português, investigações recentes sublinham as dificuldades sentidas pela comunidade surda no acesso aos cuidados de saúde, apontando a ausência de estratégias consistentes de acessibilidade linguística como fator central de exclusão (Quintal et al. 2024). No campo da saúde sexual e reprodutiva, os dados recolhidos evidenciam lacunas importantes na transmissão de informação acessível, situação igualmente documentada em contextos internacionais. A limitação com o português escrito agrava a sensação de vulnerabilidade, já que a comunicação escrita é muitas vezes o único meio disponível para transmitir informações relevantes. Uma participante destacou: “Tomo comprimidos e não sei para que servem.” (I). Este exemplo, ilustra a precariedade da acessibilidade informativa, que pode acarretar riscos à saúde devido ao desconhecimento sobre os medicamentos ou procedimentos indicados.

Os resultados desta investigação revelam a complexidade das experiências vividas pela comunidade surda LGBTQ+, marcada por uma dupla marginalização que resulta da interseção entre surdez e diversidade sexual e identitária. Esta realidade confirma o conceito de interseccionalidade desenvolvido por Crenshaw (1989), a vivência simultânea de múltiplas pertencas identitárias implica que desigualdades estruturais, culturais e linguísticas se entrelaçam, condicionando as oportunidades de participação social, acesso a direitos e construção de identidade.

#### Representatividade e Propostas Futuras:

O tema “representatividade e as propostas futuras” ressalta o respeito à inclusão e ao apoio institucional. Apesar de algumas iniciativas pontuais, os/as participantes referem a falta de estruturas sólidas e permanentes de apoio à população surda LGBTQ+.

O subtema “visibilidade e participação” mostra que há uma carência evidente de grupos de apoio específicos, formação técnica sobre diversidade e surdez, bem como produção de conteúdos acessíveis em Língua Gestual ou com legendagem.

Nos espaços públicos e eventos culturais da comunidade LGBTQ+. As vozes surdas raramente são incluídas nos momentos de visibilidade política, como nas marchas ou campanhas, e quando o são, as intérpretes de LGP muitas vezes não conseguem transmitir as nuances emocionais ou identitárias das mensagens. A ausência de investimento em investigação e políticas públicas voltadas para esta população contribui para a perpetuação da invisibilidade e da exclusão.

Participantes questionaram também a estrutura atual da sigla LGBTQ, criticando a falta de compreensão sobre as distinções entre identidade de género e orientação sexual. Também se fala de Inclusão e Apoio Institucional, e apesar de haver iniciativas, faltam estruturas sólidas e permanentes de apoio. Isto é, há um problema recorrente identificado: a ausência de grupos de apoio específicos para as diversas identidades dentro da comunidade surda LGBTQ+.

Muitos participantes relataram não conhecerem espaços voltados para pessoas surdas transexuais ou com outras identidades de género diversas, o que limita as oportunidades de socialização, troca de experiências e suporte mútuo. Como uma entrevistada destacou: “Não conheço nenhum grupo de apoio para pessoas surdas transexuais.” (I). Esta parte evidencia a urgência em criar e fortalecer grupos especializados que possam responder às necessidades específicas dessa população, proporcionando um ambiente seguro e acolhedor. Também há falta de investimento em formação e investigação dedicada à comunidade surda LGBTQ+. Esta ausência exige a criação e o fortalecimento de grupos especializados. A falta de dados e estudos específicos dificulta a implementação de políticas e práticas mais eficazes. Além disso, a ausência de capacitação adequada de profissionais de saúde, educação e assistência social perpetua a exclusão. A falta de dados e capacitação perpetua a invisibilidade e dificulta a implementação de políticas baseadas em evidências. Um participante salientou: “Precisamos de mais investigação sobre a comunidade surda LGBTQ.” (N). Essa exigência revela a necessidade de ampliar o conhecimento académico e institucional para subsidiar ações inclusivas e baseadas em evidências.

No subtema “propostas de transformação para um futuro acessível”, os/as participantes sugeriram formas de apoio que levem em consideração a acessibilidade comunicacional, como o desenvolvimento de materiais em Língua Gestual Portuguesa (LGP) ou vídeos legendados, que possam abordar temas relevantes para a comunidade. Essas propostas apontam para a importância de recursos acessíveis que possam facilitar o entendimento e a participação das



peessoas surdas em iniciativas de apoio e sensibilização. Como exemplificado por uma das entrevistadas: “Gostava de ter vídeos com legendas ou LGP sobre transexualidade.” (I). Este pedido não é apenas por acessibilidade mínima, mas por acessibilidade a informação de qualidade, que respeite as especificidades linguísticas e culturais”.

Outras propostas concretas de intervenção são: a criação de grupos de apoio específicos para diferentes identidades dentro da comunidade surda LGBTQ+; a produção de materiais educativos acessíveis em LGP ou legendados focados nos temas da saúde sexual e diversidade; a formação contínua de profissionais de saúde, educação e assistência social; e a inclusão ativa da comunidade na elaboração de políticas públicas. Tais medidas são essenciais para promover autonomia, segurança e participação plena.

O apoio por políticas públicas mais inclusivas, que ultrapassem a lógica de acessibilidade mínima e apostem em medidas estruturais de apoio, é reforçado pelas pessoas participantes. A literatura confirma que estratégias institucionais claras (intérpretes obrigatórios, materiais em LGP) têm impacto positivo na equidade de acesso (Galvão et al., 2025), sendo este o caminho a seguir em Portugal. No entanto, os participantes deste estudo salientam que tais medidas ainda são pontuais em Portugal, sendo a ausência de grupos de apoio específicos, de investigação académica consistente e de programas de sensibilização, fatores que perpetuam a invisibilidade da comunidade surda LGBTQ+. A maioria das pessoas surdas entrevistadas disseram que poderiam existir intérpretes profissionais da área de LGBTQ ou uma educação sexual inclusiva, mas, em Portugal, estas políticas ainda nem incluem, na maioria dos serviços dos hospitais, intérpretes de Língua Gestual Portuguesa.

Através destes três temas, torna-se evidente a complexidade das experiências interseccionais vividas pelas pessoas surdas LGBTQ+ em Portugal. A análise temática, baseada na metodologia de Braun e Clarke (2006), permitiu evidenciar os significados partilhados e os desafios enfrentados, contribuindo para uma compreensão mais ampla e inclusiva da diversidade.

## Conclusão

Em termos práticos, este estudo evidencia a importância de criar serviços de saúde e de apoio social adaptados às necessidades específicas da comunidade surda LGBTQ+. Além disso,

ressalta a necessidade de capacitar profissionais de saúde e educação em acessibilidade comunicacional e sensibilidade cultural, bem como de produzir materiais informativos em Língua Gestual Portuguesa (LGP) sobre temas LGBTQ+. A falta de acesso adequado à informação compromete a autoaceitação e a segurança desses indivíduos. Para promover autonomia e dignidade, as políticas públicas devem ir além da simples acessibilidade mínima, implementando medidas interseccionais que efetivamente garantam inclusão e equidade.

Este estudo contribui para dar visibilidade a uma população pouco estudada em Portugal e fornece indícios para o desenvolvimento de políticas públicas, programas educacionais e futuras pesquisas. Os resultados reforçam a necessidade de abordagens interseccionais que reconheçam e valorizem a experiência das pessoas surdas LGBTQ+, pelo que seria importante em pesquisas futuras incluírem contextos diversos e abordagens participativas, garantindo que as vozes da comunidade surda LGBTQ+ continuem a ser ouvidas e valorizadas. Poucos têm sido os avanços neste sentido, apesar de já existirem alguns bons exemplos de acessibilidade plena e valorização da profissão do Intérprete de Língua Gestual Portuguesa (ILGP), como a Marcha pelos Direitos das Pessoas LGBTQIAP+ em Braga que contou com a presença de várias Pessoas Surdas LGBTQ+, bem como de uma profissional ILGP tornando assim o evento acessível, outros exemplos estão também a decorrer, mas o principal será perguntar à Comunidade Surda, quais as suas necessidades para que, pelo menos, na Comunidade LGBTQ+ não se sintam também excluídos.

Estudos futuros poderiam também entrevistar mais pessoas, incluindo diferentes regiões e grupos etários, bem como realizar estudos longitudinais, permitindo compreender de forma mais aprofundada os impactos da marginalização interseccional e avaliar a eficácia de intervenções inclusivas.

Apesar do rigor metodológico, algumas limitações devem ser reconhecidas. A seleção por acessibilidade pode ter privilegiado indivíduos mais envolvidos em associações ou coletivos, restringindo a diversidade de experiências representadas. A tradução da LGP para o português escrito implicou a perda de certas expressões próprias da língua gestual, e a escolha de destacar alguns excertos em detrimento de outros pode ter reduzido a visibilidade de narrativas mais singulares. Ainda assim, concluiu-se que os resultados obtidos não se configuram como casos isolados, mas integram uma tendência internacional que evidencia barreiras de comunicação persistentes, desigualdades institucionais e a urgência de abordagens interseccionais em saúde, educação e políticas sociais.

## Referências

Abreu, F. S. D., Silva, D. N. H., & Zuchiwschi, J. (2015). Surdos e homossexuais: A (des)coberta de trajetórias silenciadas. *Temas em Psicologia*, 23(3), 607–620. Disponível: [07. Fabrício Santos Dias de Abreu. OK OK.indd](#)

Agbenyeavu, J. K., Eshun, G., Aboagye, R. G., & Ganle, J. K. (2025). Awareness and barriers to accessing sexual and reproductive healthcare services among Deaf women in Krachi West District of Ghana: A qualitative study. *Reproductive Health* Disponível: [Awareness and barriers to accessing sexual and reproductive healthcare services among Deaf women in Krachi West District of Ghana: a qualitative study | Reproductive Health | Full Text](#)

Berman, B. A., Jo, A. M., Cumberland, W. G., Booth, H., Wolfson, A. A., Stern, C., ... & Bastani, R. (2017). D/deaf breast cancer survivors: Their experiences and knowledge. *Journal of Health Care for the Poor and Underserved*, 28, 1165–1190. Disponível: [D/deaf Breast Cancer Survivors: Their Experiences and Knowledge - PubMed](#)

Biskupiak, A., Smith, S., & Kushalnagar, P. (2018). Pre-exposure prophylaxis knowledge and perceived effectiveness to prevent HIV among Deaf gay, bisexual, and queer men. *LGBT Health*, 5(8), 469–476. Disponível: [Pre-Exposure Prophylaxis Knowledge and Perceived Effectiveness to Prevent HIV Among Deaf Gay, Bisexual, and Queer Men - PubMed](#)

Crenshaw, K. (1989). Demarginalizing the intersection of race and sex: A Black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics. *University of Chicago Legal Forum* 1989(1) Disponível em: <https://chicagounbound.uchicago.edu/uclf/vol1989/iss1/8/>

DN ( 2018, 22 de janeiro). GNR recebeu 703 mensagens na plataforma que permite às pessoas surdas pedir ajuda. *Diário de Notícias*. Disponível: [GNR recebeu 703 mensagens na plataforma que permite às pessoas surdas pedir ajuda](#)

Durso, L. E., & Meyer, I. H. (2013). Padrões e preditores de divulgação da orientação sexual aos profissionais de saúde entre lésbicas, gays e bissexuais. *Política Social de Reprodução Sexual*,

10(1), 35–42. Disponível: [Padrões e Preditores de Revelação de Orientação Sexual a Profissionais de Saúde entre Lésbicas, Gays e Bissexuais - PubMed](#)

Eckert, R. C., & Rowley, A. J. (2013). Audismo: Uma teoria e prática do privilégio audiocêntrico. *Humanidade e Sociedade*, 37(2), 101–130. Disponível: [Audismo - Richard Clark Eckert, Amy June Rowley, 2013](#)

Fontanella, B. J. B., Luchesi, B. M., Saidel, M. G. B., Ricas, J., Turato, E. R., & Melo, D. G. (2011). Amostragem em pesquisas qualitativas: proposta de procedimentos para constatar saturação teórica. *Cadernos de Saúde Pública*, 27 (2), 389-394. Disponível: [untitled](#)

Fuentes-López, E., & Fuente, A. (2020). Access to healthcare for deaf people: A model from a middle-income country in Latin America. *Revista de Saúde Pública*, 54, 13. Disponível: [SciELO - Saúde Pública - Acesso à saúde para pessoas surdas: um modelo de um país de renda média na América Latina Acesso à saúde para pessoas surdas: um modelo de um país de renda média na América Latina](#)

Galvão, F. M. B., Palheta Neto, F. X., Melo, G. S. de, Lima, I. de C. F., Tavares, I. N., & Pereira, J. M. G. (2025). Barreiras encontradas na assistência à saúde de pacientes surdos. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, 25, e18764. Disponível: [Barreiras encontradas na assistência à saúde de pacientes surdos | Revista Eletrônica Acervo Saúde](#)

Levandowski, B. A., Miller, S. B., Ran, D., Pressman, E. A., & Van der Dye, T. (2022). Piling it on: Perceived stress and lack of access to resources among US-based LGBTQ+ community members during the COVID-19 pandemic. *PLOS ONE*, 17(7), e0271162. Disponível: [Piling it on: Perceived stress and lack of access to resources among US-based LGBTQ+ community members during the COVID-19 pandemic - PubMed](#)

McKee, M. M., Barnett, S. L., Block, R. C., & Pearson, T. A. (2011). *Impact of communication on preventive services among deaf American Sign Language users. American Journal of Preventive Medicine*, 41(1), 75-79. Disponível: [Impacto da comunicação nos serviços preventivos entre usuários surdos da língua de sinais americana - American Journal of Preventive Medicine](#)

Miller, C. A., et al. (2019). Deaf LGBTQ patients' disclosure of sexual orientation and gender

identity to healthcare providers. *Psychology of Sexual Orientation and Gender Diversity*, 6(2), 193–202. Disponível: [Deaf LGBTQ Patients' Disclosure of Sexual Orientation and Gender Identity to Health Care Providers - PubMed](#)

Pereira, J. M. (2008). Amor surdo: Realidade cultural?: O papel da Língua Gestual Portuguesa e da cultura surda no comportamento afectivo de 10 jovens surdos. *Cadernos de Saúde*, 1(2), 191–197. Disponível: [Amor surdo: realidade cultural?: o papel da Língua Gestual Portuguesa e da cultura surda no comportamento afectivo de 10 jovens surdos | Cadernos de Saúde](#)

Quintal, B., Sabalo, I., Marques, C., Silva, M. J., & Magalhães, L. H. (2024). As necessidades da comunidade surda no acesso aos serviços de saúde segundo a enfermagem transcultural: Projeto de um estudo qualitativo. *Servir*, 2(9). Disponível: <https://revistas.rcaap.pt/servir/article/view/31076>

Souza, L. K. de. (2019). Pesquisa com análise qualitativa de dados: Conhecendo a análise temática. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 71(2), 51–67. Disponível: [Pesquisa com análise qualitativa de dados: conhecendo a Análise Temática](#) <https://www.thetrevorproject.org/>

The Trevor Project. (2022, 28 de março). *Mental health of Deaf LGBTQ youth\**. Disponível: [Suicide Risk & Mental Health of Deaf LGBTQ+ Youth Research](#)

Turkevicz, É. (2016). *Percepção sobre os preconceitos e desafios para pessoas surdas homossexuais* [Trabalho de conclusão de curso, Escola de Educação, Tecnologias e Comunicação Lato Sensu em Libras, Brasília-DF]. Pró-Reitoria de Graduação. Disponível: [EricaTurkeviczTCCLatoSensu2016.pdf](#)

Van Eldik, T., Treóers, Ph. D. A., Veerman, J. W., & Verhulst, F. C. (2004). Mental health problems of deaf Dutch children as indicated by parents' responses to the child behavior checklist. *American Annals of the Deaf*, 148(5), 390–395. Disponível: [Mental health problems of deaf Dutch children as indicated by parents' responses to the child behavior checklist - PubMed](#)

Vilão, T. R. F. (2014). *Acessibilidade dos Surdos aos serviços de saúde em Portugal* (Dissertação de Mestrado). Universidade Portucalense, Porto, Portugal Disponível: [Acessibilidade dos surdos aos serviços de saúde em Portugal.](#)

